

DA CANTORIA AO FOLHETO: O NASCIMENTO DA LITERATURA DE CORDEL NORDESTINA

Maria Ângela de Faria Grillo*

Há algum tempo se fala de proteger bens culturais como conjuntos arquitetônicos, monumentos e obras de arte, dos efeitos do tempo e da modernidade, para que as gerações futuras possam ter acesso a eles.

No Brasil, as primeiras preocupações com o assunto surgiram na década de 1930, época da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan). Em 1936, o escritor Mário de Andrade entregou um documento ao então Ministro da Cultura, Gustavo Capanema, chamando atenção para a necessidade de compreensão do patrimônio cultural de uma nação como um universo bem maior do que aquele compreendido por monumentos e obras de arte.

Porém, foi a partir do final do século XX, que se intensificou a idéia de conservação de um outro tipo de ativo cultural, composto

pelos tradições e conhecimentos populares, denominado patrimônio imaterial, que são as manifestações que passam de geração para geração de forma oral, ou pela experiência, como o artesanato, a culinária, as músicas, as festas, as crenças, entre outros itens.

Desde então, foram mobilizados mais e mais interessados no assunto e, no ano de 2000, o decreto presidencial 3551 passou a reger a identificação e a proteção do patrimônio imaterial nacional. O decreto detalha os procedimentos de identificação, o registro e, em alguns casos, a elaboração de um plano de salvaguarda, ou proteção, de algumas manifestações culturais em risco de extinção.

A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada pela Unesco em outubro de 2003, detalha o que se deve entender por patrimônio cultural:

* Professora do Programa de Mestrado em História da UFRPE

As práticas, representações, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

O conceito de patrimônio imaterial abrange, então, todas as formas tradicionais e populares de culturas transmitidas oralmente ou por gestos.

Da cantoria ao cordel

A literatura popular compreende um conjunto de obras em verso ou prosa produzidas por autores despreocupados com o complexo processo de maturação intelectual e os formalismos e rigores da arte culta tradicional. No riquíssimo elenco dessas maravilhosas produções artísticas distingue-se um gênero muito comum no Nordeste do Brasil e nas cidades para onde migraram filhos dessa região: “a cantoria de violeiros” que, com seus versos improvisados ao som da viola, é uma arte que floresceu no meio rural do Nordeste, especialmente no Sertão. Trata-se, então, de uma poesia oral, cantada e improvisada de repente, acompanhada pela viola dos cantadores repentistas.

Os primeiros repentistas que se têm notícias são: Inácio da Catingueira, Romano da Mãe D'Água e Cego Aderaldo.

Inácio da Catingueira, negro escravo do fazendeiro Manuel Luiz, cantador lendário e citado orgulhosamente por todos os improvisadores do Sertão. Seus dotes de espírito, a rapidez fulminante das respostas, as graças dos remoques, a fertilidade dos recursos poéticos, a espantosa resistência vocal, ficaram celebrados perpetuamente. Mesmo sendo um negro escravo analfabe-

to não trepidou enfrentar os maiores cantadores do seu tempo, debatendo-se heroicamente e vencendo quase todos. Acredita-se que este seria o fundador de todas as pelejas.

Romano da Mãe D'Água, um pequeno proprietário rural paraibano, travou uma peleja histórica com Catingueira que durou cerca de oito dias, na Vila de Patos, Estado da Paraíba, em 1870. Deste embate nada ficou registrado pelos cantadores que, talvez sequer soubessem ler. Essa peleja é uma das páginas mais faladas nos anais da cantoria sertaneja, com fragmentos anotados aqui e acolá nos cordéis de outros cantadores.

Aderaldo Ferreira de Araújo, o Cego Aderaldo, nascido no Crato, Ceará, começou a trabalhar cinco anos de idade, pois seu pai adoeceu e não conseguia sustentar a família. Quando tinha 18 anos e trabalhava como maquinista na Estrada de Ferro de Baturité perdeu sua visão depois de uma forte dor nos olhos. Pobre, cego e com poucos a quem recorrer, teve um sonho em verso certa vez, ocasião em que descobriu seu dom para cantar e improvisar. Ganhou uma viola na qual aprendeu a tocar. Mais tarde começou a tocar rabeca. Algum tempo depois, quando tudo parecia estar voltando à estabilidade, sua mãe morre. Sozinho começou a andar pelo Sertão cantando e recebendo por isso. Percorreu todo o Ceará, partes do Piauí e Pernambuco. Com o tempo sua fama foi aumentando. Em 1914, se deu a famosa peleja com Zé Pretinho, considerado então o maior cantador do Piauí. Em 1923 resolveu conhecer o Padre Cícero. Rumou para Juazeiro aonde o próprio Padre Cícero veio receber o trovador que já tinha fama. Algum tempo depois foi a vez de cantar para Lampião, que satisfez seu pedido – feito em versos – de ter um revólver do cangaceiro.

Muito se questiona a respeito de que essa cultura imaterial, ao ser registrada, se congele e se torne estática, mas sabemos que a literatura de cordel, nada mais é do que o registro dessas cantorias, feita em sextilhas. Ainda, me parecem equivocados aqueles que pensam a “cultura popular”

Da cantoria ao folheto: o nascimento da literatura de cordel nordestina

Maria Ângela de F. Grillo

como “folclore” em seu sentido pejorativo, ou seja, como um conjunto de objetos, práticas e concepções tradicionais, cristalizados no tempo e no espaço. É comum ouvir-se dizer: “o povo não tem cultura” ou “a cultura popular são as nossas tradições”, mas *é preciso que se pense cultura no plural e no presente e que se parta de uma concepção não normativa e dinâmica*, pois a cultura é constitutiva da ação social e, portanto, indissociável dela. (ARANTES, 1998, p. 22) Do mesmo modo, a tradição não pode ser pensada como imobilizadora da criatividade, impedindo que os populares introduzam novidades em suas práticas culturais. A tradição pode e deve ser vista com a possibilidade de ser atualizada, sem perder seu caráter de tradição, ou seja, passar por um processo de re-significação (CANCLINI, 1997, p. 209-210).

Impressos em papel pardo, medindo cerca de 12 X 16 cm, com 8, 16, 24 ou 32 páginas, contendo ilustrações em xilogravuras condizentes com o conteúdo, os folhetos servem de suporte material para a chamada Literatura Popular em Verso, encontrada no Nordeste Brasileiro.

Esse tipo de literatura ocupa um espaço de criação que deve ser percebido em vários níveis: o simbólico, o artístico, o lingüístico, o social, o político, o econômico e especialmente o histórico. Desde que surgiu no Nordeste do Brasil, independente do sistema literário institucionalizado, em meados do século XIX, vem-se testemunhando fatos da História do Brasil, o que revela a preocupação dos poetas e ouvintes com o mundo ao seu redor.

Então, dela surge o seu suporte material: a Literatura de Cordel, ou simplesmente Cordel, que é a literatura popular expressa em versos e impressa de maneira simples no formato de livretos, conhecidos como folhetos ou romances ou ainda folhetos de trovador. O nome cordel foi originado pelo fato de os autores, os poetas populares, exporem originalmente essas suas obras - os singelos livretos de poesia narrativa, com capas ilustradas pelo processo artesanal da xilogravura – pendurados em cordões, cordas ou barbantes, nos mercados e feiras.

Apesar de ser esta literatura considerada no Brasil como uma produção de autoria desconhecida, na primeira metade do século XX, período de grande produção de folhetos, existiam poetas como Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde, Manuel João da Silva (conhecido como Manuel Caboclo e Silva), José Costa Leite, entre tantos outros que, por assinarem suas obras, tinham sua autoria reconhecida.

Seus primeiros autores se revelam, quase sempre, homens de pouca instrução - muitos deles permaneceram pouco tempo freqüentando salas de aula, outros sequer passaram por uma escola, aprendendo a ler e a escrever de maneira informal, como podemos conferir: João Martins de Athayde, que se dizia ser [...] *um analfabeto que sempre viveu das letras*, quando menino, mesmo sem freqüentar escola, tinha como sonho saber ler e escrever e, por isso, saía perguntando as letras às pessoas, e desse modo acabou aprendendo a ler sozinho (LESSA, 1984, p. 6); Manuel Caboclo e Silva nunca freqüentou escola; conta-se que [...] *quando menino foi comprar um pedaço de sabão para sua mãe numa venda, e este veio embrulhado com uma página de um folheto. Pediu para uma moça ler os versos, e nunca mais se esqueceu da estória* (SOUZA, 1981); José Costa Leite nunca foi a escola, aprendendo a ler com seu pai; J. F. Borges estudou somente durante dez meses, em sítios e escolas particulares, abandonou seus estudos, pois, com apenas dez anos de idade, teve que trabalhar como agricultor; José Martins dos Santos nunca freqüentou escola, aprendeu a ler com o seu amigo Joaquim Moreira; Minelvino Francisco da Silva, que também nunca freqüentou escola, aprendeu a ler *perguntando a um e a outro*. Mas não podemos negar que todos eles tinham grande talento para contar histórias que, em princípio, eram dirigidas à comunidade da qual ele se originava.

Leandro Gomes de Barros, considerado um dos maiores e mais fecundos poetas populares de seu tempo, e cuja obra avalia-

Da cantoria ao folheto: o nascimento da literatura de cordel nordestina

Maria Ângela de F. Grillo

se em mais de mil títulos, nasceu na Fazenda Melancia, em Pombal, no Estado da Paraíba, em *1865 +1918. Ele mesmo expunha seus livretos à venda na Estação Ferroviária; mais tarde viu seus folhetos serem oferecidos por todo o Nordeste, chegando a alcançar venda em Manaus e Rio Branco, graças a uma rede, nem sempre bem organizada, de mascates e vendedores ambulantes. Por volta de 1910, conseguiu se instalar como um editor independente a partir de sua Tipografia Perseverança, tornando-se o primeiro cordelista a ter uma produção regular, conseguindo sobreviver apenas da venda de seus folhetos.

Mesmo encontrando um farto mercado comprador fora do Recife, ele próprio continuava vendendo seus textos, inclusive no Mercado de São José, conhecido ponto de venda e cantoria daquela cidade, na intenção de permanecer mais próximo de seu público consumidor. Assim, teria oportunidade de melhor observar a sua reação à medida que a leitura do cordel fosse sendo efetuada, pois, nesse instante, estariam sendo sinalizadas suas preferências, através de risos ou indiferenças, que certamente serviriam de parâmetros na elaboração e produção de novas histórias.

Leandro era um autor que sempre mostrou uma visível preocupação com a questão da receptividade de seus versos. Em um de seus primeiros folhetos, que trazia a *História da Donzella Theodora*, ele se dirige ao seu público leitor, no primeiro e no último verso, para afirmar que esse texto, apesar de não ser de sua autoria, traz registrada e confirmada a veracidade da história então relatada:

Eis a real descrição
 Da história da donzela
 Dos sábios que ella venceu
 E aposta ganha por ella
 Tirado tudo direito
 Da história grande della
 [...]
 Caro leitor escrevi
 Tudo que no livro achei
 Só fiz rimar a história
 Nada aqui acrescentei

Na história grande dela
 Muitas coisas consultei.

Relatar histórias com fidelidade não era sua única preocupação. A questão da autoria era sua grande inquietação. Leandro foi o primeiro a imprimir os folhetos. Partindo de uma literatura oral, ele a fixou numa forma escrita. Apesar de já existirem de forma manuscrita, sua circulação era restrita. É a partir de Leandro Gomes de Barros que se estabelece um grande mercado consumidor para o folheto, pois vai constituir uma rede de distribuidores e vendedores de sua obra. Ao mesmo tempo, Leandro estabelece um determinado cânone que, apesar de não ser rígido, vai nortear a produção dos folhetos. Nesse cânone, a determinação de uma autoria, para uma literatura que era, sobretudo anônima e de base oral, começa a se estabelecer. Essa questão é central, pois é a autoria que lhe confere legitimidade no momento em que reivindica para si uma fatia do mercado consumidor, ou seja, dá-lhe autoridade.

Francisco das Chagas Batista nasceu em 1880, no Sítio Riacho Verde, termo da Vila do Teixeira, no alto da Serra da Borborema, estado da Paraíba, local onde aprendeu as primeiras letras. Aos vinte anos de idade mudou-se para Campina Grande, onde estudou na escola noturna, ao mesmo tempo em que trabalhava, juntamente com os irmãos, como carregador de lenha e de água. Mais tarde, tornou-se operário da Estrada de Ferro de Alagoa Grande. Com vinte e dois anos de idade começou a escrever e publicar os seus folhetos, sendo o primeiro sob o título de *Saudades do Sertão*. A partir de então, passou a viajar pelo Nordeste vendendo seus poemas, assim como os de outros cordelistas (CASCUDO, 1939, p. 272).

Entre 1913 e 1920, a Popular Editora se tornou um grande centro de publicação e distribuição de folhetos, utilizando como filiais outras tipografias da Paraíba e do Rio Grande do Norte (MELO, 2003, p. 70).

O movimento do cangaço, ao que parece, era um dos seus temas preferidos, pois

Da cantoria
 ao folheto:
 o nascimento
 da literatura
 de cordel
 nordestina

Maria Ângela
 de F. Grillo

escreveu inúmeros folhetos sobre o assunto. Nesse sentido, seus personagens favoritos eram Antonio Silvino e Lampião, relatando suas façanhas, descrevendo-os ora como *desordeiros* e *bandidos*, ora como *heróis* e *justiceiros*.

Chagas sabia como entreter seu público. Assim como Leandro, usava de artimanhas para manter seus leitores presos às histórias que ele contava. Para compeli-los a adquirir seus próximos folhetos, deixava em suspenso uma luta ou avisava que continuaria o relato em outro livreto. Assim, seu folheto dedicado *A História de Antonio Silvino*, publicado em 1907, trazia estampado na capa, os seguintes dizeres: *Contendo o retrato e toda vida de crimes do celebre cangaceiro, desde o seu primeiro crime até a data presente. – Setembro de 1907*. E ao final dessa história, no último verso, anuncia:

Suspendo aqui minha história
 P'rá d'outra vez começar,
 Quando derem outros factos
 Pretendo continuar
 A minha biographia
 Que toda hei de contar.

Imediatamente ao concluir essa história, Batista deixa registrada a seguinte advertência: *Logo que Antonio Silvino tenha um paradeiro eu hei de continuar esta história que fica suspensa até que se dêem novos acontecimentos da vida d'elle*

Câmara Cascudo, seu grande admirador deixa registrada a seguinte informação:

Francisco das Chagas Batista não foi cantor, mas um dos mais conhecidos poetas populares. Sua produção abundantíssima forneceu vasto material para a cantoria. A gesta de Antonio Silvino possui em Chagas Batista um dos melhores e decisivos elementos [...] Enquanto existir, no Brasil, a poesia popular e o repente, o nome de Francisco das Chagas Batista tem de ser lembrado e respeitado, como um dos seus melhores representantes, em todos os tempos (CASCUDO, 1939, p. 271)

João Martins de Athayde nasceu em Cachoeira da Cebola, Município de Ingá do

Bacamarte, Estado da Paraíba, em 1880. Permaneceu na terra natal até os dezoito anos, trabalhando como vendedor de miudezas e produtos da terra, como rapadura e queijo. Mesmo sem freqüentar a escola, comprou uma carta de ABC de Laudelino Rocha e andava com ela dentro do chapéu, revelando seu grande sonho de aprender a ler e a escrever. Como já foi dito, ele perguntava as letras às pessoas e acabou aprendendo a ler sozinho. Começou a freqüentar a escola já adulto.

Aos oito anos de idade se impressionou ao ver pela primeira vez um cantador. Chamava-se Pedra Azul e era famoso pelas rondozas. Assistindo alguns desafios entre Pedra Azul e outros cantadores, percebeu como se rimava a sextilha e, a partir daí, passou a fazer glosas. Conta ele, em entrevista concedida a Paulo Pedroza, publicada no *Diário de Pernambuco*, datado de 16/01/1944 sob o título *Cangaceiros e Valentes*, que sua primeira rima foi realizada aos doze anos de idade, a partir do mote que recebeu "viva o leitão do chiqueiro", e assim glosou:

Cada qual no seu cantinho
 Faz a obra como quer,
 Homem, menino ou mulher,
 Oçam esse bocadinho:
 Ah! seu beijo de toicinho,
 Seu cão, nariz de ponteiro,
 Por ser mais alcoviteiro,
 Quando pegou a gritar:
 Viva o leitão no chiqueiro!

Escreveu seu primeiro folheto em 1908, *O preto e o branco apurando qualidade*, impresso pela Tipografia Moderna, alcançou grande sucesso. A partir de então, começou a vender, nas horas vagas, seus folhetos juntamente com os de outros poetas em feiras e mercados do da capital pernambucana. No ano de 1909, com o dinheiro da venda dos folhetos e com o que ganhava em seus empregos, conseguiu comprar uma pequena impressora manual, uma guilhotina para cortar o papel dos folhetos, contratar alguns poucos empregados, alugar uma casa e montar sua Tipografia na Rua do Rangel,

Da cantoria ao folheto: o nascimento da literatura de cordel nordestina

Maria Ângela de F. Grillo

situada no centro do Recife, tomando-se, além de autor, um dos maiores editores de folhetos de cordel. A partir de então, passou a viver exclusivamente das letras, afirmando: *Faço livros para ganhar dinheiro, se bem que neles eu ponha um fim moral* (LESSA, 1984 p. 6; SOUTO MAIOR, 200, p. 12)

Esses três poetas constituem o verdadeiro tripé da literatura de cordel, pois, ao mesmo tempo em que produziam folhetos de excelente qualidade, confirmando de certo modo o gosto do público, também eram proprietários de sua própria obra e de editoras muito importantes no mercado de folhetos.

Outro notável poeta, José Adão Filho, nascido em um sítio localizado próximo à Campina Grande-PB, no ano de 1891, deixou registrado que o início de seu convívio com poetas e cantadores ocorreu ainda na sua infância. Em seu folheto, o *ABC dos Violeiros do Norte*, datado de 1927, descreve a cantoria ocorrida durante a cerimônia de casamento de sua madrinha, quando ainda contava com seis anos de idade:

Quando esta festa assisti
 Somente seis annos tinha
 Mas tenho ainda a lembrança
 Que Biligim também cinha,
 P'rá cantar com Canário
 No casamento de Aninha
 Era a noiva minha madrinha
 Alem disso minha tia,
 Casou com Manuel Joaquim
 Na Igreja da Freguesia,
 Você cantou nesta casa
 Na noite daquelle dia
 Naquelle tempo existia
 Uns cantadores na Ribeira,
 Manoel Garcia e outro
 Sebastião da Cachoeira,
 Que se diziam discípulos
 De Inácio da Catingueira.

Nesses versos, além de evidenciar sua convivência com a cantoria, fator importante para a formação de um poeta, reconhece outros poetas como seus mestres. Revela, ainda, uma das ocasiões mais privilegiadas

na qual ocorriam tais apresentações: as festas de casamento.

Adão escreveu seu primeiro poema, *O Marco Paraibano*, em 1918, que só conheceu publicação em 1921. nele se define como um *poeta pensador*

E ensina que poetas pensadores são aqueles que não versem em repente, mas somente em folhetos:

Vou dizer primeiramente
 Uma coisa pouco vista
 Só sei cantar obra feita
 Porque não sou repentista
 Sou poeta pensador
 Que pouca fama conquista

E continua explicando o que entende por *poeta pensador* em outro poema, o *ABC dos Violeiros do Norte*. Nesses versos aproveita para homenagear Leandro, revelando a grande admiração e o respeito que ele nutria:

Também preciso mostrar
 A todos que estão presentes,
 Os poetas pensadores
 Que não versem em folhetos
 Pr'a divertir toda gente
 É uma classe diferente
 Tendo embora a mesma arte,
 Quando Leandro era vivo
 De livros fez um "estandarte",
 Inda hoje seus folhetos
 São lidos por toda parte!

Grande admirador da obra de Athayde, ainda em seu *ABC dos Violeiros do Norte*, deixa registrado seu reconhecimento para com aquele poeta:

Do meu ABC não privo
 Outro afamado poeta,
 Que é da nova geração
 E de rima fácil e correctá,
 Sem Athayde, a festança
 Não ficaria completa.

Sua poesia seleta
 cada dia mais progride,
 quem pega no seu folheto
 a ler logo se decide,
 eu lhe faço este louvor
 para que ninguém duvide.

Da cantoria
 ao folheto:
 o nascimento
 da literatura
 de cordel
 nordestina

Maria Ângela
 de E. Grillo

É por isto que afianço
 por conhecer seu talento,
 num ABC que escreveu
 revelou bom pensamento,
 das cantigas do sertão
 mostrou ter conhecimento
 (TERRA: 1983, p. 50).

Adão ficou conhecido por sua rebeldia,
 pois seus motes e glosas eram geralmente
 polêmicos, carregados de críticas e questiona-
 mentos, com tudo aquilo que não concor-
 dava ou que não acreditava.

De acordo com Ruth Terra, ele se apre-
 sentava como um crítico ferrenho com rela-
 ção às ações da Igreja Católica e do Vaticano,
 responsabilizando-os pelo fanatismo e pela
 exploração dos fiéis, além de questionar so-
 bre a moral duvidosa dos padres e denunciar
 sua avidez por dinheiro. Adão declarava não
 ser católico, defendia a liberdade de culto pro-
 posta na Constituição, apesar de referir-se,
 em seus versos, pejorativamente aos “nova-
 seitas”, como era costume entre os poetas
 de seu tempo. Contudo, considerando man-
 cebia casamento religioso, apresentava-se a
 favor da obrigatoriedade do casamento civil,
 que era tachado, por seus companheiros po-
 etas, de “lei do cão”. Nesse sentido, além de
 aceitar a República, exaltava suas leis, con-
 forme deixa registrado em seu folheto intitu-
 lado *O egoísmo do Catolicismo*:

De quatro coisas precisa
 a nação neste momento:
 proibir a mancebia
 exigindo o casamento
 de acordo com a lei civil,
 dando as leis do Brasil
 seu devido cumprimento!
 (TERRA, 1983, p. 54).

João Melchiades Ferreira da Silva nas-
 ceu em Bananeiras, na Paraíba, em 1869.
 Filho de pequenos proprietários, ainda me-
 nino ficou órfão de pai. Nunca freqüentou
 escola formal. Em seu poema *Os homens
 da Cordilheira* narra a história de seu avô
 materno, o beato Antonio Simão, um ex-se-
 minarista que havia fundado, por ordem do
 Padre Ibiapina, uma capela na serra onde

pregava a doutrina católica e alfabetizava
 homens, mulheres e meninos. Com ele Mel-
 chiades aprendeu a ler.

Aos 19 anos de idade sentou praça no Exér-
 cito, sendo promovido a sargento cinco anos
 mais tarde. Participou na Campanha de Canu-
 dos, em 1897, e na do Acre, em 1903. Reform-
 ado em 1904, de volta à Paraíba, fixou
 residência, tomando-se cantador e poeta po-
 pular. Percorreu várias partes do Nordeste can-
 tando seus desafios e vendendo seus folhetos.
 Dos poemas identificados como de sua auto-
 ria, encontramos pelegas, romances, poemas
 de época e descrições da Paraíba, da região
 da Serra da Borborema. Intitulado o *Cantor da
 Borborema*, identifica-se na última estrofe de
Os homens da Cordilheira:

Eu vivo subindo a Serra
 e descrevendo poema
 atravessando as cuxias
 me servindo do seu tema
 dando prova como sou
 o cantor da Borborema

Melchiades, quando ia a João Pessoa, fre-
 qüentava a Livraria Popular Editora, a tipó-
 grafia de Chagas Batista, pois era este que
 fazia as revisões e imprimia seus folhetos. Não
 podemos estabelecer uma data precisa de
 quando começou a publicar, mas é certo
 que, em 1914, já o fazia com regularidade
 (TERRA, 1983, 52). Seus poemas o revelam
 como um poeta-cronista de sua região, que
 palmilhava em cantorias, vendendo folhetos.
 Narra os feitos de seus habitantes, beatos ou
 valentes; descreve usos e costumes. Em meio
 à descrição de grandezas não lhe escapa o
 papel das usinas que esmagavam os enge-
 nhos acarretando a miséria dos moradores.
 De sua autoria podemos destacar: *Combate
 a José Colatino com o Carranca do Piauí;
 A Guerra de Canudos; História de Antonio
 Silvino e A História de Carlos Magno e os 12
 pares de França*.

Faleceu em João Pessoa, no ano de 1933.
 Após sua morte, seus herdeiros venderam os
 direitos de publicação de sua obra ao poeta e
 editor Manoel Camilo dos Santos, que pas-
 sou a editá-la.

Da cantoria
 ao folheto:
 o nascimento
 da literatura
 de cordel
 nordestina

Maria Ângela
 de F. Grillo

José Bernardo da Silva nasceu no ano de 1901, em Palmeira dos Índios, estado das Alagoas. Mudou-se para Vitória, Pernambuco, lá residindo por algum tempo. A partir de 1926, radicou-se em Juazeiro do Norte, Ceará, onde estabeleceu sua Tipografia São Francisco, aí falecendo em 1972. Como proprietário da Tipografia São Francisco, trabalhou como tipógrafo, poeta popular, editor e agente de alguns poetas, como, por exemplo, de João Martins de Athayde.

Com a compra dos direitos autorais de inúmeros poetas populares, entre eles João Martins de Athayde, Leandro Gomes de Barros e José Camelo de Melo, em 1949, e de Luís da Costa Pinheiro, em 1951, Bernardo tornou-se um grande editor de folhetos no Nordeste. Com o fito de preservar seus direitos autorais, a exemplo de Athayde, publicava os folhetos fazendo constar apenas seu nome como "Editor Responsável", na primeira capa. Sendo assim, torna-se difícil apontar os folhetos de sua autoria.

Dirigiu por mais de trinta anos a Tipografia São Francisco. Após sua morte a editora passou a se chamar Literatura de Cordel José Bernardo da Silva, sendo dirigida por familiares (LOPES: 1982, p. 331). Nos versos a seguir, Bernardo da Silva indica sua profissão:

Não sou poeta vos digo
 mas com rima arranjo o pão,
 sou chapista e impressor
 sou bom na composição
 dentro da tipografia
 o meu saber irradia
 conheço com perfeição
 agradeço esta opulência
 à Divina Providência
 e ao Padre Cícero Romão.

O reconhecimento pelo seu trabalho ficou registrado a partir de uma homenagem póstuma feita pelo poeta Expedito Sebastião da Silva, em seu folheto intitulado *Resumo Biográfico de José Bernardo da Silva*, no qual se lêem as seguintes estrofes:

José Bernardo da Silva
 morrendo deixou ficar

uma lacuna na nossa
 poesia popular
 ficou o mundo poético
 numa tristeza sem par.

Enquanto ele existiu
 em sua tipografia
 imprimiu muitas histórias
 cantadas em poesia
 pois muitos originais
 em seu poder possuía.

Porque todos os folhetos
 por Athayde editados
 foram por ele os direitos
 honestamente comprados
 recebendo os documentos
 em cartório registrados.

José Camelo de Melo Rezende, originário do distrito de Pilõezinhos, município de Guarabira, Paraíba, nasceu em 1885. Desde tenra idade compunha oralmente e memorizava seus poemas. Começou a publicar seus primeiros folhetos em 1923, tomando-se grande cantador e poeta popular. Zé Camelo, como ficou conhecido, parece não ter tido, em vida, o reconhecimento que se achava merecedor. Faleceu em Rio Tinto, cidade da Paraíba em 1964, deixando os seguintes versos para serem colocados em seu túmulo:

– Peço a todos os meus amigo
 que depois da minha morte
 escrevam sobre meu túmulo
 numa lousa muito forte,
 José Camelo de Melo
 cantou mais não teve sorte!

Camelo ficou conhecido por ter preferência por grandes temas, que rimava, compondo extensas histórias. São de sua autoria, entre outros, os seguintes folhetos: *A afilhada do Padre Cícero*; *Uma das maiores proezas que Antônio Silvino fez no Sertão Pernambucano*; *O Monstro do Rio Negro*; *Pedrinho e Julinha*; *Entre o amor e a Espada*.

José Pacheco da Rocha nasceu em Correntes, PE, em 1890. Trabalhou em feiras, ora vendendo folhetos, ora vendendo gêneros alimentícios. Por alguns anos viveu em Caruaru, ficando famoso como um dos melhores poetas populares. Transferiu-se para

Da cantoria
 ao folheto:
 o nascimento
 da literatura
 de cordel
 nordestina

Maria Ângela
 de F. Grillo

Maceió, aonde veio a falecer, em 1954. Seu companheiro de poesia, Amaro Quaresma dos Santos, quando da sua morte, homenageou-o, fazendo uso da glosa *Acabou-se a Poesia Porque Pacheco Morreu*, com as seguintes estrofes:

Eu ainda estou lembrado
De quando nós palestrávamos
Muitas vezes nós glosávamos
Em Maceió, no Mercado –
Ele robusto e corado,
Junto com o povo seu...
Porém desapareceu,
Porque tudo tem seu dia –
Acabou-se a Poesia,
Porque Pacheco morreu!

Zé Pacheco, como era conhecido, tinha preferência por histórias engraçadas, explorando vários temas da Literatura de Cordel. Autor de inúmeros livretos foi seu folheto *A Chegada de Lampião ao Inferno* que lhe concedeu a glória e lhe valeu inúmeros imitadores.

Manuel Caboclo e Silva nasceu em Belo Jardim, Pernambuco, no ano de 1916. Filho de um sítiante foi criado em contato com a terra que ajudava o pai a semear, num sítio próximo a Juazeiro do Norte, local onde foi registrado. Seu nome de batismo era Manuel João da Silva, mas mudou-o para “Caboclo” em homenagem a sua avó, que era uma cabocla trazida por seu avô da Guerra do Paraguai. Como já foi dito anteriormente, Caboclo nunca frequentou escola. Gilmar Carvalho assim descreve como o poeta aprendeu as primeiras letras:

Aprendeu a ler por muita insistência e determinação. Relembrava a magia de uma folha de papel a enrolar uma barra de sabão e o fascínio da palavra impressa. Dizia ser o fragmento de um poema de Leandro Gomes de Barros que leram para ele:

Alonso comprou um barco
Que estava no estaleiro
Procurou um capitão
Homem destro e guerreiro
Que fosse conhecedor
De qualquer mar estrangeiro

Pediu ao avô uma carta de ABC e ganhou um livro e uns folhetos. Pedia com tanta insistência que lessem para ele [...] Depois que conheceu as letras, foi colecionando aquelas letras e formando palavras, até ser capaz de decifrar a escrita, antecipando o futuro poeta, editor e astrólogo (CARVALHO, 2000, p. 12).

Indo para Juazeiro, trabalhou como vendedor de lenha, até agregar-se como aprendiz à Tipografia São Francisco, de propriedade do poeta e editor de José Bernardo da Silva. A princípio era catador de aparas de papel, depois passou pela composição e impressão e começou a escrever. Teria se desligado daquela tipografia no ano de 1948, indo trabalhar como ambulante.

Tornou-se poeta-editor, ao instalar sua gráfica em Juazeiro do Norte, no início dos anos 1950, a Folheteria Casa dos Horóscopos, uma espécie de corporação de ofício, com seu mestre, artífices e aprendizes. Também ficou conhecido por sua iniciação esotérica, ao escrever horóscopos e dar consultas, percorrendo longamente sobre as conjunções astrais.

Sobre sua produção de folhetos, Caboclo deixou escrito:... *cordel não é aquele que está pendurado num cordão é aquele que foi feito com as cordas do coração.*

Silvino Pirauá de Lima nasceu no município de Patos, estado da Paraíba, em 1848. Foi cantador, glosador e poeta popular, considerado o precursor do romance em versos no Brasil (BATISTA, 1929, p. 96). Em 1898, fugido da seca, migrou para o Recife. A partir daí, passou a percorrer o Nordeste juntamente com outros poetas, cantando improvisos em feiras e festas. Publicou várias poesias, entre elas *A Vingança do Sultão*, *A História do Capitão do Navio*, *Descrição da Paraíba*, vindo a falecer na cidade de Bezerros, Estado de Pernambuco, em 1913.

Esses são os mais conhecidos poetas de cordel que viveram e produziram na primeira metade do século XX, período que abrange este estudo. Como podemos verificar, a maioria deles nasceu na zona rural, descendentes de famílias de pequenos proprietários.

Alguns iniciaram a vida profissional como agricultores, operários, vendedores, mas todos conseguiram editar e vender seus folhetos.

Assim, o grande narrador da vida local nordestina é o poeta de cordel que, desde fins do século XIX, percorria o sertão de feira em feira, de mercado em mercado, vendendo seus folhetos. Em sua Antologia, Manuel Cavalcanti Proença afirma que foi o poeta Laurindo Gomes Maciel quem instituiu, nas feiras do Nordeste, o costume de vender folhetos cantando os versos, pois antes dele esses versos eram simplesmente declamados (PROENÇA, 1986, p. 574)

Inúmeros são os eventos do século XX contidos nos folhetos, em forma de versos, que relatam o cotidiano da nossa História, em que são dadas representações diversas às contidas em jornais, em textos literários e em livros didáticos. Tais folhetos, além de relatar eventos sociais, políticos, econômicos como: inundações, secas, casamentos, vitórias eleitorais, instalação de novas leis, vida e morte de homens políticos, servem também para suprir a escassa circulação de jornal no sertão, pois, ao mesmo tempo em que representa uma forma de literatura não convencional, instrui, diverte e informa à população os acontecimentos da época.

O poeta José Francisco Soares, nascido em Campina Grande, no ano de 1914, que começou a versejar aos 14 anos de idade, ficava ligado às notícias que chegavam através do rádio ou do jornal, a fim de registrar tais acontecimentos imediatamente após terem ocorrido. As notícias começam a alcançar maiores distâncias e maior penetração, a partir da introdução do rádio no Brasil, em 1923. Neste ano é fundada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e no ano seguinte surgem a Rádio Educadora Paulista e a Rádio Club de Pernambuco. Era tão significativa sua produção, neste sentido, que ele ficou conhecido como o "poeta repórter". De sua autoria foram cerca de trezentos folhetos circunstanciais como: *A morte do ex-presidente Getúlio Vargas, O assassinato de Kennedy, em Dallas, A renúncia de Jânio Quadros*, entre outros, todos eles publicados no Recife, pela tipografia "Cadernográfica Ca-

piaribe". Zé Soares não esperava passivamente os acontecimentos. Por vezes, quando a morte de um cidadão ilustre estava sendo esperada, ele já estava estudando a sua vida para compor seu folheto. Quando o fato se consumava, ele saía em disparada para a Cadernográfica, a fim de publicar imediatamente seu livreto, pois acreditava que "o poeta tinha que ir ao encontro da aflição do povo" (LESSA, 1984, p. 31-42)

Em seu estudo *Romanceiro de Lampeão*, Mário de Andrade registra:

Qualquer caso mais ou menos impressionante sucedido no Brasil, e às vezes mesmo no estrangeiro, é colhido nos jornais por algum poeta popular praciono, versificado e impresso em folheto. O cantador rural, a infinita maioria das vezes analfabeto, decora o folheto, com auxílio de algum intermediário alfabetizado, e lá vai cantando o romance, brejo, catinga e sertão afora (ANDRADE, 1963, p. 87)

O folheto, nesse sentido, se transforma em jornal falado, pois, ao difundir o fato, torna-se a informação do dia-a-dia, levando para vários recantos, até onde não chegam os jornais e nem se ouvem rádios, os fatos ocorridos, aproximando as pessoas. É possível perceber essa relação, jornal/cordel, pois não raras vezes o próprio poeta alude ter ouvido ou lido no jornal a notícia que passa a divulgar. João Martins de Athayde esclarece fatos sobre um assassinato, no poema *Capitão Virgulino Ferreira: Lampeão*, revelando a não participação de Lampeão no crime:

Como toda sua família
Foram mortos afinal
Um diz que foi Lampeão
Porém eu li no jornal
Que foram assassinados
Pelas tropas de soldados
Da força policial

Ao recontar os fatos apresentados nos periódicos alguns poetas, além de fazerem críticas, adequavam essas notícias ao universo de valores e crenças de seu público, fazendo com que o ponto de vista do texto coincida com o do seu leitor. Fatos de natureza política ou econômica em geral são

Da cantoria ao folheto: o nascimento da literatura de cordel nordestina

Maria Ângela de F. Grillo

apresentados enfatizando-se sua repercussão sobre as camadas populares, compostas no Nordeste de trabalhadores rurais, vendedores dos mais variados produtos, empregados do comércio, etc, grande maioria do público de cordel.

Alguns cordéis chegam a estabelecer uma espécie de diálogo com outras fontes de informação, inclusive questionando a veracidade dos fatos, como podemos comprovar nos versos a seguir:

Eu como escritor do povo
 Costumo meter o dedo
 Nos casos de sensação
 Que não exigem segredo
 E como não sou chaleira
 Conto a verdade sem medo...

Nas estrofes acima citadas, o autor Chagas Batista, em seu folheto *A encrência da Paraíba* contrapõe duas idéias: a de "escritor do povo" e a de "chaleira". Para ele, os jornais poderiam ser incluídos na categoria dos chaleiras, dos bajuladores, pois esses possuíam uma política de interesses ao apresentar as notícias, o que os leva a faltar com a verdade; já os escritores do povo, categoria em que o autor se insere, se apresentam mais comprometidos com seus leitores, mais "valentes", pois são capazes de "contar a verdade sem medo".

Esse mesmo autor, ao descrever o embate travado em 1910, entre as forças do alferes Jozé Ramalho com as do cangaceiro Antônio Silvino, no folheto intitulado *As novas lutas de Antônio Silvino*, afirma claramente a falta de veracidade veiculada pelas notícias de jornal, como poderemos conferir:

Foi no lugar S. Mamede
 Que esse encontro se deu
 Alguns jornais afirmaram
 Que o meu grupo correu...
 Foi um erro, vou aos leitores
 Contar o que aconteceu.

Nesses versos podemos perceber que o poeta, a fim de denunciar as inverdades contidas nas matérias editadas pelos jornais, dá a Antônio Silvino o estatuto de narrador em primeira pessoa, e este, mesmo assumin-

do-se como um fora-da-lei, um perseguido pela polícia, coloca-se como um herói valente e destemido e que, por isso, jamais correria do perigo.

Segundo Foucault, durante muito tempo, na sociedade ocidental, a vida de todos os dias só podia ter acesso ao discurso quando atravessada e transfigurada pelo fabuloso: era preciso que ela fosse retirada para fora de si própria pelo heroísmo, pela façanha, pelas aventuras, pela providência e pela graça, eventualmente pela perversidade; era preciso que fosse marcada por um toque de impossível. Só então se tornava dizível. Aquilo que a punha fora de alcance permitia-lhe funcionar como lição e exemplo. Quanto mais a narrativa fugisse ao vulgar, mais força tinha para fascinar e persuadir. Nesse jogo do fabuloso-exemplar, a indiferença face ao verdadeiro e ao falso era, pois, fundamental (FOUCAULT, 1992, p.124). Da mesma forma, o poeta de cordel não trata apenas de descrever a realidade de maneira artística e satisfatória - ele tem que fornecer informações frescas e ao mesmo tempo agradar. Os folhetos tornam públicos acontecimentos sensacionais, traduzem as notícias da imprensa da capital para a linguagem do habitante do sertão e as interpretam como o público gostaria de ouvi-las, mudando-as muitas vezes e dando-lhes novas funções e significados (DAUS, 1982, p.38).

Ao relatar um episódio que já pode ter sido deturpado por relatos anteriores, o poeta tem o direito de reinventá-lo, pois, em um mundo cujo imaginário é moldado por imagens, as expressões orais, quando difundidas em larga escala, tornam-se elas próprias evidências históricas. Nesse sentido, podemos perceber a Literatura de Cordel como memória da História, como relato da crença no que ela pode ter sido. José Pacheco, em seu folheto *A Propaganda de um Matuto com um Balaio de Maxixe*, afirma que vai nos relatar algo que viu e ouviu, portanto, aí já está registrada a interferência do autor:

Caros apreciadores
 na feira do Caldeirão

Da cantoria
 ao folheto:
 o nascimento
 da literatura
 de cordel
 nordestina

Maria Ângela
 de F. Grillo

eu ouvi a propaganda
d'um matuto do sertão
e já portanto, escrevi
tudo que vi e ouvi
na sua conversação.

Nos folhetos, também podemos verificar que existem diferentes maneiras de posição narrativa, tais como: o herói positivo, o herói negativo, o herói ambivalente, e até mesmo são feitas caricaturas desses heróis,

[...] a lembrança de histórias contadas sobre Lampião revela a inserção do herói no universo dos leitores/ouvintes dos folhetos de cordel; afinal, inúmeros foram os poemas escritos sobre o cangaceiro, antes e após a sua morte, folhetos de "acontecido" ou extremamente irônicos (como A chegada de Lampião no inferno e o Grande debate que teve Lampeão com São Pedro), onde Lampião deixa de ser personagem histórico para se tornar caricatura e, de certa forma, aproxima-se do tipo do "anti-herói" (GALVÃO, 2001)

Há quem afirme, a meu ver, equivocadamente, que a literatura de cordel reproduz valores tradicionais e conservadores, que tende a assimilar o discurso das instituições oficiais, e que seja incapaz de gerar ou criar seus próprios significados simbólicos. Mas não se pode esquecer que nessa forma de expressão literária há uma grande quantidade de personagens estradeiros, astutos, trapaceiros, anti-heróis que sobrevivem por expedientes e artimanhas que lhes valem como alternativa para escapar do sistema opressor. Existem, ainda, personagens típicos do universo sertanejo que reviram o mundo com humor. Ressaltam-se inúmeros folhetos que a crítica social e política, reveladoras das ocasiões históricas difíceis, traduzem-se pelo humor e pela ironia das situações (SANTOS, 1987, p.12). Com relação a esta questão, comungo com as idéias de Jorge Amado, quando ele faz a seguinte afirmativa:

[...] a literatura de cordel corresponde às necessidades de informação, comentário, crítica da sociedade e poesia do mesmo povo que a concebe e consome. É, ao mesmo tempo, o noticiário dos fa-

tos mais importantes que ocorrem no mundo, no estado, na cidade, no bairro, e sua interpretação do ponto de vista popular. É, ao mesmo tempo, a crítica por vezes contundente e a visão poética do universo e dos acontecimentos. É puritana, moralista, mas igualmente cínica e amoral, realista e imaginosa – dentro de suas contradições perdura a unidade fundamental do choque de cultura e de vida do povo com a sociedade que limita, oprime e explora as populações pobres e trabalhadoras (AMADO apud MEDEIROS, 2002, p. 24)

Assim, o folheto de cordel se transforma numa rica fonte de pesquisa para a História, para a Sociologia, para a Antropologia e para a Literatura. A Literatura de Cordel, que através de sua narrativa conta os acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, transforma-se em memória, documento e registro da história brasileira. Tais acontecimentos recordados e reportados pelo cordelista, que além de autor se coloca como conselheiro do povo e historiador popular dá origem a uma crônica de sua época.

Os folhetos expostos pendurados nos barbantes, presos a eles com pregadores de roupa ou colocados de maneira organizada sobre bancas e tabuleiros, ou então simplesmente espalhados pelo chão, despertavam a atenção do sertanejo, que se habituou a ouvir histórias cantadas ou recitadas, em suas idas às feiras, local onde podiam vender seus produtos, fazer suas compras, além de se divertir e se informar sobre os assuntos políticos e sociais mais recentes.

A identidade desses autores se confunde com a do grupo, ressalvada sua condição de portador de uma herança cultural e literária, cujas raízes se perdem no tempo e na memória coletiva. A relação com a realidade, pilar de sua produção poética resulta, sem dúvida, das condições de vida quase sempre inóspitas e sem acesso às fontes seguras de transmissão sistemática do conhecimento acessível apenas aos cidadãos das classes mais favorecidas (SANTOS, 1989, p.17).

O Nordeste do Brasil pode ser considerado um local privilegiado em se tratando

Da cantoria ao folheto: o nascimento da literatura de cordel nordestina

Maria Ângela de F. Grillo

de cantadores, poetas de cordel, contadores de histórias, todos reconhecidos como grandes narradores que estabeleceram fortes vínculos com a experiência de narrar, construindo um rico fabulário de contos, poemas, histórias de vida comum de todos, em todos os dias, histórias de heróis e histórias de trabalho (GUILLEN, 2006).

Enfim, trata-se de uma literatura que carrega consigo procedimentos típicos das narrativas orais, que asseguram a compreensão e memorização do texto. Em uma comunidade marcada por uma forte presença da oralidade, um texto jornalístico em prosa não tem a mesma aceitação e, conseqüentemente, a mesma penetração de um texto em versos, marcados pela rima. Os folhetos eram, então, mais fáceis de serem entendidos e memorizados do que jornais e livros em prosa de um modo geral.

A apresentação oral de folhetos é fator importante para o sucesso dessa literatura, pois permite sua divulgação inclusive entre pessoas iletradas, como podemos verificar nos versos abaixo apresentados:

Até gente analfabeta
 Comprava ali seu livrinho
 E levava para casa
 Com cuidado e com carinho

Para saber da estória
 Pela boca do vizinho.

Atualmente, com o avanço da tecnologia e a grande aceitação da literatura de cordel, já encontra esses folhetos, compostos de maneira bem mais sofisticada, até em renomadas livrarias do nosso país. É a feliz constatação da cultura eliminando as separações entre os estratos sociais e aproximando harmonicamente o popular com a cultura de elite, a tradição letrada.

Essa tradição tem-se espalhado pelo Brasil graças às correntes migratórias de nordestinos, iniciadas na segunda metade do séc. XX, que com eles levam, além das suas saudades, suas cantorias, suas rimas, seus livretos e suas poesias. Hoje encontramos cordelistas não só nas regiões sertanejas, mas também nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, o que nos indica que esse tipo de literatura tem ampliado seu espaço de circulação, ganhando público nos grandes centros urbanos. São conhecidas as feiras de nordestinos nessas regiões, onde são cantados e vendidos os folhetos, da mesma forma que no Nordeste, como é o caso da Feira de Caruaru, em Pernambuco, e da Feira de Campina Grande, na Paraíba.

Da cantoria
 ao folheto:
 o nascimento
 da literatura
 de cordel
 nordestina

Maria Ângela
 de F. Grillo

Referências bibliográficas

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
- ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- ARANTES, Antônio Augusto. "Pelo estudo dos folhetos no contexto de sua produção". In: *Arte em Revista*. N.º 3. São Paulo: Kairós, pp. 45-49, 1980.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. Porto Alegre: Liv. do Globo, 1939.
- GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900-1940)*. Tese de Doutorado em História. Niterói: Universidade Federal Fluminense / UFF, 2005.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *Errantes da Selva: histórias da migração nordestina para a Amazônia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.
- LESSA, Orígenes. *A voz dos poetas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.
- LITERATURA POPULAR EM VERSO: *Leandro Gomes de Barros - 2. Antologia*. Tomo III. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1977.
- MELO, Rosilene Alves de. *Arcanos do verso: trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, 1926-1982*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: PPGHS/UFC, 2003.
- SANTOS, Olga de Jesus. "O povo conta a sua História". In: *O Cordel: Testemunha da História do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.
- SOUTO MAIOR, Mário. (Introdução e seleção). *João Martins de Athayde*. São Paulo: Hedra, 2000. (Biblioteca de Cordel).
- SOUZA, Liêdo Maranhão de. *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Recife: Massangana / FUN DAJ, 1981.